

# Guerra à seca e aos bandidos (I)

Texto de Luis Lemos (AIM)

Mabote no noroeste de Inhambane foi durante muitos anos uma vila desconhecida. Durante a dominação colonial não passava de um mero posto administrativo e ponto de passagem de mineiros moçambicanos provenientes ou com destino à África do Sul, via Chicualacuala (ex-Malvéria).

Para os comerciantes locais — colonos portugueses — era no entanto uma autêntica «mina de ouro». Através dos mais fraudulentos processos extorquiam todos os rands ou escudos que os mineiros possuísem.

«Vivia-se quase exclusivamente do tráfego de mineiros, desde as cantinas até às empresas de transporte — diz-me um antigo motorista da «Majhone», empresa de transporte de passageiros da região. Pelo nome pode-se ver a importância de tais passageiros.

As estradas sempre foram péssimas, mas nunca ninguém teve a iniciativa de as alcatrar, apesar do movimento justificar isso. De tempos a tempos, passava por lá uma níveladora, mas dias depois tudo ficava na mesma.

«Um machimbombo durava apenas seis meses, mas, com o dinheiro «sugado» aos mineiros, comprava-se logo outro e ainda ficava lucro. A bagagem era medida a olho e al ganhava-se dinheiro que era um disparate. Fazia-se o preço e logo pagavam. Sabe como é, eles vinham cansados e ansiosos por chegar ao destino, já não importava que fosse um roubo...»

E hoje o que é Mabote?

Para as grandes agências de informação ocidentais, não passa de uma zona ocupada pelos bandos armados, a soldo da África do Sul. Serva sempre como ponto de referência geográfica em qualquer despacho noticioso sobre o centro de Moçambique: «O Presidente moçambicano Samora Machel falou hoje às populações de Vilanculo, a cerca de 180 quilómetros de Mabote, zona ocupada...»

Cogitava sobre isto, enquanto a nossa viatura rolava lentamente em direcção a Mabote.

A medida que nos afastávamos da costa, a vegetação ia-se alterando paulatinamente. A paisagem até aí verde e agrícola, é substituída por uma outra agreste e árida.

Capim alto e seco. Árvores frondosas e arbustos de razoável estatura, estendendo as suas ressequidas ramagens até à orla da estrada, dominam totalmente o nosso horizonte visual.

Nas poucas aldeias que atravessámos durante o trajeto, a paisagem é ainda mais desoladora: nas machambas o milho e a mapira pendem até ao chão completamente secos. Mesmo a mandioca, apesar da sua resistência, em certos casos é vencida pela aridez.

«Como vêem não são só os bandidos que nos causam problemas» — diz-nos em jeito de introdução um soldado que nos acompanha — «as populações mais afastadas e desprotegidas têm de andar vários quilómetros a pé para encontrarem água».

Saberíamos mais tarde que há dois anos não chove na região com a regularidade necessária. O milho e a mapira, dieta alimentar das populações locais, perderam-se quase por completo este ano.

As sementes foram lançadas à terra a tempo e horas, mas, tal é o rigor da seca, que se contam pelos dedos as que rebentaram.

A agravar a situação, quando as aldeias são atacadas pelos bandidos, o pouco da produção que se salvou é roubado por eles. O esforço e suor de um ano inteiro, totalmente perdido em poucos minutos, quando a perca não se saída também em vidas humanas.

Esporadicamente surgem na estrada camponeses transportando fatias à cabeça e poucas quantidades de mandioca. Ao ombro de alguns, por entre a poeira que nos envolve por completo, descortinamos uma «AKM» ou uma «Mauser», armas utilizadas pelas milícias populares. Saúdam-nos, erguendo o punho à passagem.

Chegámos a Mabote ao fim da tarde. A paisagem é de novo outra, o milho cresce vigoroso, em todos os lados se vêem plantações, testemunhando uma luta tenaz contra a natureza que, apesar de todas as contrariedades, vai dando os seus frutos.

Surpreende-nos favoravelmente o ar tranquilo e sereno das pessoas que conosco se cruzam. A cada passo um gesto de saudação, um olhar misto de simpatia, misto de interrogação por tão desusado movimento de estranhos. As crianças aproximam-se timidamente, e a sigla da Rádio Mo-

câmbio na nossa viatura é motivo de murmúrios entre os mais jovens.

A vila de Mabote pouco difere de tantas outras sedes de localidade espalhadas pelo País. Ela compreende uma vasta área central onde estão os edifícios administrativos, hospital, correios e escola. Um pouco mais adiante vislumbra-se o centro comercial: cantinas, casas de pasto, armazéns, uma cooperativa de alfaiates e outra de panificação.

Nas cantinas a azafama é grande. É sábado e é preciso comprar os produtos necessários até segunda-feira. Organizadas em bichas as pessoas aguardam impacientemente a sua vez. Há um pouco de tudo: tecidos, roupa já pronta a vestir, artigos de higiene, uma apreciável gama de medicamentos, calçado e alguns géneros alimentícios.

A medida que anoitece as pessoas regressam ordeiramente a casa e nos edifícios começam a surgir os primeiros candeeiros a petróleo. As casas de pasto enchem-se rapidamente de clientes: «Chegou cerveja lá de baixo — coisa que não acontecia há alguns dias» — esclarecem prontamente os empregados.

Nos bairros e aldeias vizinhas ouve-se o ribombar dos tambores, sinal de festa, que se prolongará pela noite fora, visto ser domingo no dia seguinte.

Mabote é com efeito uma pacata e ordeira vila mas na mente de todos estão gravadas as bárbaras acções dos bandidos. Muitos sentiram directamente os seus efeitos.

Nos dois dias e meio que ali permanecemos foi possível constatar como são profundamente odiados os «biangueti», — bandidos, na linguagem local. Dezenas de camponeses ficaram sem os seus haveres. Pais, filhos, maridos e mulheres cruelmente assassinados.

O simples facto de se ter algum familiar nas milícias, no Partido ou nas estruturas do Aparelho de Estado, é motivo suficiente para ser assassinado.

A destruição da base de Garáguá, em fins do ano passado, constituiu um duro golpe para os «biangueti». Todavia alguns grupos conseguiram escapar e dispersaram-se por algumas

regiões das províncias de Sofala, Inhambane e Gaza, onde cometem crimes contra populações indefesas, cantinas, aldeias comunitais, grupos dinamizadores e células do Partido.

Nos depoimentos que recolhemos das populações e de bandidos capturados pelas forças armadas, constatamos que a destruição de Garáguá e a subsequente dispersão dos grupos passou a dificultar o seu abastecimento pelos sul-africanos. Assim,



Capitão João Casse: «Os bandidos nunca tentaram locais onde existem dispositivos militares ou um forte contingente de milícias»

alguns bandos não estão a ser abastecidos e alimentam-se exclusivamente dos géneros que conseguem roubar nos ataques às aldeias.

Um ataque à vila é considerado apenas como uma possibilidade remota: «Os bandidos nunca tentaram atacar locais onde existam dispositivos militares ou um forte contingente de milícias», afirma o comandante militar de Mabote, capitão João Casse. «Eles só procuram alvos dispersos, populações que não estejam devidamente organizadas, para saquear os seus bens, bens obtidos a partir do seu esforço e sacrifício, para assésinar».

Os locais são sempre previamente reconhecidos por pequenos grupos, antes de se atreverem a atacar. As

populações já detectaram e entregaram às forças populares agentes que procediam ao reconhecimento das suas aldeias. As instruções para esses agentes são invariavelmente descobrir comida e saber quais são as capacidades militares do local.

Presume-se que neste momento a intenção dos bandos seja procurar romper o cerco que lhes é movido pelo exército e progredir em direcção ao sul a fim de se refugiarem na África do Sul, uma vez que, perdida a sua principal base, o contacto com o comando sul-africano foi extremamente dificultado.

Paralelamente às operações de cerco e aniquilamento do exército, estão a decorrer acções de relevante importância para o desenvolvimento sócio-económico e para a estabilidade da região.

As populações estão a ser preparadas e armadas para a guerra. Vimos um elevado número de camponeses, homens e mulheres, já a treinar, aguardando ansiosamente o dia em que lhes será entregue a arma. Segundo revelou o comandante militar, as armas serão brevemente distribuídas e «essas forças que com mais algumas que iremos preparar farão face à situação».

Mas o combate não é exclusivamente militar. É preciso não permitir o desenvolvimento de uma base social e campo de manobra ao inimigo. Se as populações viverem dispersas, se o Partido não se fizer sentir com a força necessária e se não existirem centros de vida e produção colectiva, facilmente o inimigo se instalará lá.

Estes são pontos sensíveis que estão a ser levados em consideração. A nossa estada coincidiu com a ida a Mabote de uma brigada do Partido que aí foi fazer um levantamento da situação actual e as conclusões são francamente encorajadoras.

Na vila de Mabote, embora ainda haja muito que fazer, já há uma atitude que toma corpo, já se vê vida organizada. Vimos centros de produção colectiva, aldeias comunitais, vimos um relacionamento exemplar entre o povo e as forças armadas, vimos determinação em vencer as duas frentes de combate: seca e bandidos.

Assim como já não se roubavam os mineiros que vinham da África do Sul, também os bandidos que vêm da África do Sul já não roubam os camponeses da vila de Mabote. É esta realidade que se vai estender a toda a região.

A localidade de Mabote não é uma zona ocupada pelos «biangueti», é sim o princípio do fim dos «biangueti».